

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS – CCJ
INFORMÁTICA JURÍDICA**

Os Tempos Hipermodernos – Resenha

Victor Cavallini

**Florianópolis – SC
2009**

RESENHA DO LIVRO “OS TEMPOS HIPERMODERNOS”, DE GILLES LIPOVETSKY COM SÉBASTIEN CHARLES

- Informações técnicas:

LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004. 129 p.

1. Prefácio – Por Pierre-Henri Tavoillot.

Gilles Lipovetsky, desde seu primeiro livro (*A era do vazio* – 1983), marcou profundamente a interpretação da modernidade, explorando as múltiplas facetas do indivíduo contemporâneo. Ele, em sua obra, supera o antagonismo tradicional entre os antigos e os modernos, bem como a concepção “de uma racionalidade para a qual existem não mais fins, e sim apenas meios” (p. 8).

Lipovetsky apresenta uma visão paradoxal do nosso presente, demonstrando que não há apenas uma ascensão do materialismo e do cinismo, mas também um reinvestimento em certos valores tradicionais, se opondo aos valores individualistas cada vez mais presentes e fortes.

“Neste livro, escrito em colaboração com Sébastien Charles, Lipovetsky fala de sua trajetória intelectual e das diferentes etapas de seu trabalho; mas oferece também uma contribuição fundamental para sua própria interpretação da “segunda revolução moderna”, dedicando-se pela primeira vez a descrever os traços mais característicos daquilo que, para melhor ou pior, a “hipermodernidade” nos reserva.” (p. 9)

2. O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky – Por Sébastien Charles

Desde a antigüidade, a condenação do presente era a crítica mais comum apresentada pelos escritores, poetas e filósofos. Seja pela perspectiva da decadência, onde o passado era o lócus das virtudes e da felicidade e o presente era a consequência de uma grave degeneração daquele, presente na concepção de Platão e outros pensadores antigos como no mundo cristão, bem como na perspectiva moderna, onde não mais o passado, e sim o futuro seria o lócus da felicidade vindoura – otimismo que caracteriza a filosofia das luzes – a ser atingida através do desenvolvimento e conquistas da ciência, o presente era visto como algo a ser superado.

No entanto, em virtude das catástrofes presenciadas pelo século XX, tanto o passado quanto o futuro acabaram desacreditados, surgindo a

tendência de supervalorizar o presente, o hoje. No entanto Gilles mostra que as coisas não são assim tão simples, porque a consagração do presente não é tão evidente e porque as críticas feitas a essa consagração passam por cima do essencial. Lipovetsky se preocupa em analisar sempre os dois aspectos do real, possibilitando uma análise mais detalhada dos fenômenos do mundo.

2.1. Da modernidade à pós-modernidade: o abandono do universo disciplinar

A crítica mais feita à modernidade é a de que ela não conseguiu atingir a autonomia prometida pelas Luzes, dando lugar a uma verdadeira subjugação, burocrática e disciplinar. Foucault afirmava que essa disciplina imposta produzia uma conduta normatizada e padronizada, submetendo os indivíduos a uma forma idêntica. Lipovetsky, distanciando-se desta concepção ao mesmo tempo em que Foucault ainda fazia das disciplinas o princípio de inteligibilidade do real, anuncia que havia se entrado numa sociedade pós-disciplinar (pós-modernidade) e encarando-a pelo domínio da moda (que permite também uma análise fora da luta de classes).

Essa lógica da moda tem origem nas rivalidades de classe, mas estas não podem ser o princípio explicativo das variações incessantes da moda. As variações derivam de novas valorações sociais ligadas a uma nova posição e representação do indivíduo frente à sociedade. É uma valorização da renovação das formas, a valorização do novo em detrimento do passado. Essa lógica da moda estendida ao corpo social que permitiu a emergência do mundo pós-moderno, onde a normatividade não se impõe mais pela disciplina, mas pela escolha e pela espetacularidade, que permitiu realizar os ideais das luzes; entretanto, de forma que os mecanismos de controle não aparecem, por estarem adaptados.

Essa pós-modernidade se mostra paradoxal na medida em que é dupla: valoriza a autonomia (maior tomada de responsabilidade) e aumenta a independência (maior desregramento). De um lado o compromisso, autocontrolar-se, de outro, deixar-se levar.

“(...) se a obra de Lipovetsky propõe uma visão da pós-modernidade mais complexa e menos unívoca, (...) isso não se dá para enaltecer nosso presente, mas para sublinhar os paradoxos essenciais e apontar a ação paralela e complementar do positivo e do negativo” (p. 22)

2.2. Da pós-modernidade à hipermodernidade: do gozo à angústia

A pós-modernidade se caracterizava como o momento histórico em que os freios institucionais que se opunham à emancipação individual, dando lugar às manifestações de desejos individuais subjetivos, e o âmbito

social passa a ser um prolongamento do privado. O que possibilitou a passagem da modernidade à pós-modernidade foram o consumo de massa e os valores que ele veicula.

A sociedade hipermoderna seria a sociedade da hipervalorização das sensações íntimas, do hipernarcisismo, onde os paradoxos da modernidade se exibem às claras. Está muito presente a dicotomia responsável-irresponsável: “Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos.”. (p. 28)

O indivíduo hipermoderno se encontra inquieto, corroído pela ansiedade, não mais gozando o presente como se não houvesse amanhã, e sim se cuidando no presente para chegar bem ao amanhã. Ou seja, pode-se tudo, mas o indivíduo faz apenas o que não apresenta perigo.

2.3. A perda do sentido e a complexidade do presente

“A era do hiperconsumo e da hipermodernidade assinalou o declínio das grandes estruturas tradicionais de sentido e a recuperação destas pela lógica da moda e do consumo.” (p. 29)

A lógica da moda passa a se impor sobre e superar os discursos ideológicos. Esses discursos não mais limitam ou impõem resistência, bem como as antigas restrições culturais e estruturais, à lógica do consumo, o que permite que a vida social e individual se organize em torno dela. Essa hipermodernidade chegou permitindo que o domínio do consumo se estendesse ao máximo, com todas as tecnologias de transmissão de informação existentes. Assim, os indivíduos se encontram livres, capazes de exercer o livre arbítrio, de informar-se, de escolherem os seus próprios sistemas ideológicos; no entanto esses sistemas ideológico-espirituais de restrição continuam presentes, porém não mais se valendo da imposição, mas sim da argumentação, sendo também endossados pela opinião pública. A diferença é que hoje há liberdade de escolha.

2.4. Onipotência da lógica consumista?

O mundo do consumo parece estar avançando cada vez mais na vida da sociedade hipermoderna, os seus valores e princípios estão impregnados nas vidas das pessoas, e apesar das críticas não se consegue propor nenhum contramodelo crível. Nem a religião e os valores culturais tradicionais escapam dos valores hipermodernos; a hipermodernidade está constantemente reciclando o passado, reutilizando o que pode gerar prazer para alguns. No entanto, nem tudo pode ser

reciclado segundo a lógica do consumo: a preocupação com a verdade ou com o relacional, a afetividade, o “amor”.

É falso, portanto, acreditar que o consumo reine sobre tudo sem nenhuma restrição, bem como pensar que ele, reduzindo os indivíduos ao papel de consumidores, favoreça uma homogeneização social. Os valores irrecicláveis dos indivíduos nos permitem mensurar uma possível mudança na sociedade, com uma promoção desses valores, desde que estes consigam superar o consumo.

“Os átomos sociais não torcem o nariz para a idéia de reencontrar-se, comunicar-se, reagrupar-se em movimentos associativos, sendo estes marcados pelo egocentrismo, porque a adesão é espontânea, flexível e segmentar, em todos os aspectos conforme a lógica da moda.” (p. 36)

2.5. A ética entre a responsabilidade e a irresponsabilidade

“Será que a hipermodernidade, caracterizada por um consumo emocional e por indivíduos preocupados antes de tudo com a própria saúde e segurança, é o sinal da ascendência da barbárie sobre nossas sociedades?” (p. 37)

Claro, o hedonismo individualista favorece um relativismo desmedido, ao minar as instâncias tradicionais de controle social, mas também há aspectos positivos na hipermodernidade: esta é apenas uma das facetas de análise da hipermodernidade. Há uma maior aceitação dos direitos humanos, os valores de tolerância e respeito estão mais intensos, e a hipermodernidade se desenvolve paralelamente a um imperativo ético. A moral não foi de todo substituída pelo egoísmo. Em todas as esferas da sociedade se faz necessário um controle ético, que se apresenta de maneira opcional, não mais obrigatório como antes, no entanto se fazendo muito bem aceito.

Claro que esse “afrouxamento” pode, muitas vezes, causar o efeito inverso, decorrentes de um individualismo irresponsável. No entanto, por consenso, a maioria busca agir de maneira responsável, muitas vezes ou para preservar a sua imagem ou por assim estar de acordo com os seus valores morais próprios. No entanto, o hedonismo é apenas uma pequena parte dessa sociedade, nem tudo é determinado por isso.

2.6. Os paradoxos do quarto poder

A moral é imposta de fora, pelas mensagens veiculadas na mídia, e não mais determinada de dentro. Essa imposição não se dá de forma incisiva, mas de modo que a mídia enaltece o ato correto de acordo com a moral, ou seja, houve uma adaptação à lógica do consumo, onde é feita uma “campanha de marketing” em torno da moral. A mídia, então, tem

papel fundamental nessa questão, já que tem um grande poder (porém um poder não absoluto) de induzir e favorecer determinados comportamentos perante as massas.

No entanto, a mídia não tem controle sobre o comportamento das pessoas. A lógica da moda e do consumo tornou as pessoas indiferentes às mensagens publicitárias e aos objetos industriais, fazendo com que as pessoas passassem a ter uma maior autonomia, pois há um maior leque de opções para escolha e um maior acesso às informações.

A mídia, ao mesmo tempo em que desempenha um papel normatizador, permitiu maior acesso aos valores hedonistas e libertários.

O universo da mídia tem a única função de relativizar os fenômenos, e as análises que partem dela também são permeadas pela lógica dual característica do mundo hipermoderno, que torna tudo ambivalente.

A mídia, inclusive, tem esse aspecto dual: favorece a liberdade de escolha, o acesso à informação; por outro lado, muitas vezes padroniza o pensamento e faz a reflexão ceder espaço à emoção. A mídia, então, favorece tanto aquelas atitudes responsáveis quanto aquelas irresponsáveis.

A sociedade hipermoderna, por si só, é capaz de explicar tanto a responsabilidade quanto a irresponsabilidade; no entanto, o futuro da mesma depende do triunfo da ética da responsabilidade sobre os comportamentos irresponsáveis.

“(...) emocional e individualista, a sociedade de consumo de massa permite que um espírito de responsabilidade, dotado de geometria variável, coabite com um espírito de irresponsabilidade incapaz de resistir tanto às solicitações exteriores quanto aos impulsos interiores.” (p. 45)

Para Lipovetsky, a tomada de responsabilidade coletiva é “a pedra angular do futuro de nossas democracias” (p. 46), bem como as atitudes conscientes, mas essa tomada de responsabilidade tem que partir antes do âmbito individual, onde cabe a cada um se conscientizar e assumir a autonomia legada pela modernidade.

3. Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna – Por Gilles Lipovetsky

A noção de pós-modernidade entrou no cenário intelectual a partir dos anos 70, designando a era em que se abalaram os alicerces da racionalidade e das ideologias, e da dinâmica de individualização e pluralização de nossas sociedades. Substituiu-se a idéia de progresso e as expectativas do futuro (típicas do modernismo), dando lugar a uma visão

mais curta, individualista e efêmera. Passou-se a dar importância para o aqui-agora.

O neologismo *pós-moderno* tinha o mérito de descrever essas mudanças, no entanto, logo entrou em desuso, pois aquele novo gênero de pensamento foi como uma fase de transição para o período que se seguiu pouco tempo depois. Fazia-se necessário, assim, um novo nome para descrever o que estava acontecendo nas sociedades, agora marcadas pela acentuação de tudo, em todos os aspectos, como uma modernidade elevada à potência superlativa, agora sem freios institucionais-ideológicos para os valores individualistas e de consumo: se ergue, portanto, a *hipermodernidade*.

A era instaurada é marcada pela hipercirculação de capital, de informações, as grandes e numerosas mudanças tecnológicas, o dilúvio de números da internet: “milhões de sites, bilhões de páginas, trilhões de caracteres, que dobram a cada ano” (p. 55); as multidões atulhadas em cidades, as multidões nas viagens de férias, as multidões nos shows, as multidões que consomem um mesmo produto; a hipervigilância que substituiu a disciplina totalitária; o hiperindividualismo. Tudo é pego na engrenagem do extremo, da maximização.

É uma nova sociedade moderna, onde tudo se renova a cada instante, tudo deve ser mais rápido, mais novo e mais eficiente – ou seja, é a lógica do sempre mais, sem se saber ao certo aonde isso vai dar. Mas essa nova modernidade é uma modernidade integradora: ela não nega o anterior, recicla-o, de acordo com as lógicas modernas do mercado.

O passado ressurgiu, a inquietação com o futuro substituiu a expectativa com o mesmo, as operações e os intercâmbios se aceleraram, o tempo é escasso, o presente se faz extremamente importante. Esse texto tem o propósito de compreender tudo isso.

3.1. As duas eras do presente

Não foram apenas as decepções com a ideia de progresso que transferiram o centro da gravidade temporal do futuro para o presente. Envolveram-se nisso novas paixões, sonhos e seduções que se manifestaram pouco a pouco. Houve uma revolução no cotidiano de cada pessoa, que levou a uma mudança na sociedade: a consagração do presente.

Assim, surgiu um novo arranjo do regime do tempo social: uma economia voltada ao consumo e à comunicação de massa, e uma sociedade-moda reestruturada pelas técnicas do efêmero, da renovação e sedução permanente, que permeou setores cada vez mais amplos da sociedade.

A busca do prazer imediato também se tornou muito importante. As pessoas passaram a não esperar mais, a não se preocupar com as

sociedades futuras, e sim com o seu próprio prazer e o próprio futuro. A palavra-chave dessa sociedade veio a ser *velocidade*, principalmente com os avanços tecnológicos da mídia e informática, grandes veiculadoras de informação.

Não só a vida privada das pessoas, mas também a vida econômica se reformulou segundo esses princípios, o que, claro, não deixou de ter conseqüências, pois ao se valorizarem os resultados imediatos, o desempenho a curto prazo, ocorrem, por vezes, reduções maciças de quadros de funcionários, o emprego precário, ameaça de desemprego. Houve, num momento, certa despreocupação com o futuro, porém, o que se vive agora é a insegurança com este.

Esta insegurança invade os espíritos. Não se fala em construir mundos perfeitos, mas há a preocupação com a segurança, em manter o que está aí.

A sociedade está mais descontraída, com normas sociais mais flexíveis, o que dá maior liberdade e sensação de leveza, ao mesmo tempo em que a vida fica estressante por causa das inseguranças.

3.2. Os novos hábitos do futuro

É errado, por ser uma visão reducionista, achar que o indivíduo hipermoderno está encerrado em si mesmo e completamente desligado do passado e do futuro, que a cultura presente é a do presente eterno.

“Tal conceitualização deixa passar excessivamente em branco as tensões paradoxais que animam o regime do tempo na hipermodernidade.”

O presente em que vivemos está sempre aberto a outras coisas além de si mesmo.

3.3. Confiança e futuro

Não há mais uma espera pelas graças que virão no futuro, pelo contrário, ele é encarado mais com receio e insegurança. No entanto, isso não levou à morte da crença no progresso da ciência, apenas foi adicionado um novo ponto de vista. O futuro pode, ainda, ser bom, mas há um grande medo de que a ciência leve ao caos e à catástrofe. Assistimos ao surgimento de uma idéia pós-religiosa do progresso, “de um porvir indeterminado e problemático – um futuro hipermoderno.” (p. 67)

Essa inversão do tempo vivida pelas sociedades modernas não extinguiu o prolongamento de esquemas herdados do espírito religioso de forma laicizada, desvinculadas de uma crença incondicional nas utopias. O futuro pode ser garantido, claro; todavia, sem garantias.

A ciência seria a encarregada de tornar o futuro um ambiente agradável, muitas vezes buscando construir coisas magníficas, irreais, projetando um futuro quase que fictício, onde tudo seria revolucionário. O

futuro está menos romântico, mas percebe-se que a sociedade ainda se volta para ele. Morrem as utopias coletivas, mas intensificam-se as atitudes pragmáticas de previsão e prevenção.

Evidentemente, as preocupações com o futuro estão presentes, mas os interesses econômicos imediatos têm precedência sobre a atenção. Mas as preocupações tendem a produzir efeitos com o tempo.

“Na hipermodernidade, a fé no progresso foi substituída não pela desesperança nem pelo niilismo, mas por uma confiança instável, oscilante, variável em função dos acontecimentos e das circunstâncias.” (p. 70)

3.4. O declínio do *carpe diem*

Instalou-se um clima social e cultural que se distancia cada dia mais da tranqüilidade descontraída dos anos pós-modernos. Por mais que esteja permeada a preocupação presentista de aproveitar o aqui-agora, há uma grande inquietação diante de um futuro incerto e arriscado. A febre consumista das satisfações imediatas está mais presente do que nunca, mas envolta por um halo de temores e inquietações. O futuro se tornou precário, e a preocupação com ele se torna cada vez mais adiantada. Como se vê, a importância do futuro não decai, e sim a idéia moderna de futuro garantidamente melhor.

A moral do aqui-agora cede espaço para a ideologia da prevenção, e é dada uma prioridade ao depois sobre aquele. O hiperindividualismo é mais projetivo que instantaneísta, pois a relação com o presente integra cada vez mais a relação com o porvir.

Mostra-se, aí, um dos limites da cultura presentista.

“Fica evidente que o instante puro está longe de ter colonizado por completo as existências privadas, pois a sociedade hipermoderna dá nova vida à exigência de permanência como contrapeso ao reinado do efêmero, tão causador de ansiedades.” (p.74)

3.5. Conflitos de tempo e crono-reflexividade

A sociedade hipermoderna caracteriza-se pela hipereconomia de tempo: as pessoas buscam fazer o máximo no menor tempo possível, tanto na economia quanto na vida pessoal, o que causa tensões inéditas.

Há também uma conflitualização objetiva da relação com o tempo, quanto ao que fazer com ele: aproveitar o presente ou garantir o futuro? O que privilegiar?

De um lado têm-se as limitações dadas pelo tempo, e de outro o avanço da independência individual e da subjetivação. Para gerir o tempo, as sociedades individualistas necessitam de arbitragens, retificações, previsões e informações.

“É preciso representar a hipermodernidade como uma metamodernidade à qual subjaz uma crono-reflexividade.” (p. 77)

3.6. Tempo acelerado e tempo redescoberto

Uma das conseqüências do regime presentista é a pressão que ele faz pesar sobre a vida das pessoas. A sensação de que o tempo é curto, decorrente do ideal de eficiência (mais no menor tempo possível), de competitividade, de que para garantir o seu lugar deve-se ser melhor que os outros, causa uma sensação de estresse e uma atmosfera de dramatização.

Claro que nem todos são os que reclamam da “falta de tempo”. De um lado, aquele indivíduo hiperativo que desfruta a intensidade do tempo, de outro aquele marcado pela ociosidade. Nisso se assiste uma desigualdade social com base no tempo.

As pessoas criam as suas próprias maneiras de aproveitar o seu tempo, de maneira individual. Há um poder maior de organização individual da vida.

O consumo, nesse contexto, parece servir para preencher o vazio do presente e do futuro e suprir essa falta de tempo que temos para fazer coisas que gostamos, servindo para intensificar, reintensificar, reavivar e simular a aventura no seu cotidiano. Percebe-se que o consumo serve como uma cura, uma saída da rotina, do cotidiano repetitivo que assola a sociedade. Renascer das cinzas a toda hora.

3.7. Sensualismo e desempenho

No universo da pressa, o vínculo humano, a qualidade de vida e a sensorialidade são substituídos pela rapidez, pela eficiência, pelo frenesi, pelos prazeres abstratos proporcionados pelas intensidades aceleradas.

Claro que não se deve tomar a parte pelo todo. São tantas as práticas e gostos que revelam uma época da sensualização e estetização em massa dos prazeres. Há a tendência de acelerar os ritmos e que tende à desencarnação dos prazeres e a tendência de estetização dos gostos, felicidade dos sentidos e a busca de qualidade no agora. Dois princípios constitutivos da modernidade técnica e democrática: a conquista da eficiência e o ideal da felicidade terrena.

“O indivíduo hipermoderno é igualmente prudente, afetivo e relacional: a aceleração dos ritmos não aboliu nem a sensibilidade em relação ao outro, nem as paixões do qualitativo, nem as aspirações a uma vida equilibrada e sentimental.” (p. 82)

A sociedade hipermoderna, como se vê, não é unidimensional; assemelha-se muito mais a um caos paradoxal, uma desordem organizadora onde coexistem concepções antagônicas de modos de vida.

Nesse contexto, a preocupação deve estar voltada não para a dessensualização nem a “ditadura” do prazer, mas a fragilização das personalidades. O indivíduo, liberto de poderes reguladores, fica muito mais suscetível e cambiante, o que significa menos a afirmação de alguém que é senhor de si mesmo do que a desestabilização do eu.

3.8. O passado revisitado

Não é apenas com o futuro que se observam fenômenos na hipermodernidade. Há também um fenômeno interessante com relação ao passado: o revivescimento do mesmo.

Quanto mais as sociedades se dedicam a um funcionamento-moda focado no presente, mais há uma reflexão acerca do passado, uma reutilização dele de acordo com a lógica do consumo. O passado passa a ser, então, revisitado a fim de se extraírem “redescobertas”.

3.9. A memória em tempos de hiperconsumo

Em nossa época é muito presente a comemoração da memória. A sociedade hipermoderna faz uso do antigo, valorizando-o e comemorando-o. Presencia-se a inflação proliferante da memória.

Essa sociedade hipermoderna revela cada vez mais o impacto econômico da preservação do patrimônio histórico: a conservação deles não é mais um fim em si mesmo, mas sim justificada pelos efeitos financeiros, desenvolvimento turístico ou da imagem midiática das cidades e regiões.

A celebração do passado, também, está permeada de um aspecto frívolo e efêmero do instante da comemoração, e não mais por um registro permanente da memória nos próprios locais do passado. As obras do passado não são mais contempladas, mas sim consumidas em segundos, funcionando como objeto de animação de massa.

A voga do passado também pode ser vista no sucesso dos objetos antigos, clássicos, que tem uma tradição: produtos “legítimos”, “autênticos”, cujos produtores os fabricam “desde” datas antigas, que despertam nostalgia. A antiguidade se tornou argumento comercial.

Já a vida cotidiana, mesmo exprimindo o gosto pelo passado, é regida pela ordem cambiante do presente. O passado não é mais instituidor, ele é reciclado e renovado ao gosto de nossa época. A tradição se tornou um objeto-moda, não convocando à repetição, apenas valores estéticos e lúdicos. “O passado nos seduz; o presente e suas normas cambiantes nos governam.”

O passado serviria, então para dar a sensação de conforto, um referencial da vida com qualidade e segurança.

3.10. Identidades e espiritualidades

Dentro do retorno de referenciais passados, estão as revivescências religiosas, reivindicações nacionais e regionais, ressurgimento étnico – o que mostra a necessidade de referências da sociedade hipermoderna.

Em muitos casos, a reativação da memória histórica funciona em oposição frontal aos princípios da modernidade liberal. Entretanto, estas reativações não devem ser vistas como repetições do passado, já que, apesar de reatar com mentalidades antigas, se tratam de formas inéditas de conflito. Os movimentos que reavivam a chama do sagrado ou das raízes estão muito longe de ser de mesma natureza e de manter a mesma relação com a modernidade liberal. A era hipermoderna não põe fim à necessidade de se apelar ao sagrado, apenas rearranja mediante individualização, dispersão, emocionalização das crenças e práticas.

A racionalidade não exclui da vida social a necessidade de uma religião, apenas faz diminuir a ascendência dela sobre a vida social. Por outro lado, ele também recria exigências de religiosidade e de enraizamento numa crença, à medida que o universo hipermoderno se constitui de maneira insegura, caótica e atomizada, carecendo de uma unidade de sentido.

Essa remobilização da memória não pode ser separada de um novo modo de identificação coletiva, que hoje está mais para um objeto de apropriação dos indivíduos, que se dá de maneira reflexiva, reivindicativa e individual. Essa reivindicação de uma identidade não se encerra no âmbito meramente consumista e competitivo da hipermodernidade, mas se faz aí presente a necessidade de reconhecimento pelo que se é pela diferença comunitária e histórica. É uma ampliação do ideal de respeito, de um desejo de hiper-reconhecimento, que não deixa de ter ligação com a sociedade do bem-estar individualista de massa.

Na sociedade hipermoderna, investe-se emocionalmente naquilo que é mais próximo. Esse foco da vida nas felicidades privadas foi o que desencadeou, paradoxalmente, uma vontade de reconhecimento da especificidade conferida pelas raízes coletivas.

Todas essas referências buscadas nas tradições e nas religiões são as que podem servir para a construção de identidades e a realização pessoal dos indivíduos.

“O que define a hipermodernidade não é exclusivamente a autocrítica dos saberes e das instituições modernas; é também a memória revisitada, a remobilização das crenças tradicionais, a hibridização individualista do passado e do presente.” (p. 98)

Ou seja, a idéia de reciclagem também se faz presente, como em tantas outras áreas, também na religião, cultura e imaginário. Bem como a hipermodernidade é metamodernidade (reciclagem dos ideais da modernidade), ela também se apresenta como uma metatradicionalidade, uma metarreligiosidade sem fronteiras.

4. Conclusão¹

Apesar de haverem vários fenômenos que permitam interpretações relativistas do universo hipermoderno, é reducionista a idéia de que foram extintos os ideais superiores e que não há mais valores compartilhados pela sociedade, que não existem mais referenciais de sentido. “Não é verdade que o dinheiro e a eficiência se tornaram os princípios e os fins últimos de todas as relações sociais.” (p. 99) Há sempre um forte embasamento e um consenso acerca dos fundamentos ético-políticos da modernidade liberal; existem ainda coisas que não podem ser compradas (amor, amizade, etc.); está bem presente a exigência de moralização das trocas econômicas, da mídia e da vida pública, as reações de indignação diante das novas formas de escravidão e de barbárie; a hipermodernidade é “uma espiral técnico-mercantil que se liga ao reforço unanimista do tronco comum dos valores humanistas democráticos.” (p. 99-100)

O mundo, do jeito que anda, provoca mais inquietação do que otimismo desenfreado, mas diagnosticar um processo de “rebarbarização” do mundo seria subestimar o poder de autocritica e autocorreção que continua a existir no universo democrático liberal. O presente não está fechado em si mesmo, e, dado que a depreciação dos valores supremos é sem limites, o futuro continua em aberto. Nada na sociedade hipermoderna democrática e mercantil está pronto, acabado: não se pode dizer que é assim que as coisas são, mas apenas como elas estão, pois essa sociedade está apenas no começo de sua história.

¹ Originalmente, o livro não traz um título, apenas um espaçamento maior entre o último capítulo e a parte onde o autor traz as idéias de conclusão; logo, a fim de não causar confusões na leitura, foi colocado o título neste trabalho.